

X Congresso Iberoamericano de Psicologia | 2º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses

# Brincando às profissões: Intervenção em desenvolvimento vocacional no 1º ciclo

*Suzana Nunes Caldeira<sup>a\*</sup>, Pedro Almeida Maia<sup>a</sup>, Joana Moreira<sup>a</sup>, Edmundo Santos<sup>a</sup>*

<sup>a</sup>Universidade dos Açores, Apartado 1422, 9501-801 Ponta Delgada, Açores, Portugal

## RESUMO

### Palavras-chave:

Desenvolvimento vocacional, Ensino Básico, 1º Ciclo, Infância, Autoconceitos, Profissões, Intervenção

Os estudos no âmbito do desenvolvimento vocacional na infância afiguram-se escassos (Araújo, 2009), nomeadamente em Portugal. A ausência de um espaço-tempo na escola e no currículo prefigura uma clara falta de intenção educativa neste domínio (Baptista & Costa, 2004). Porém, é neste período que, de acordo com alguns autores (Super, 1990; Faria & Macedo, 2004; Peixoto, 2003) os autoconceitos se desenvolvem, através de processos de identificação, e é também na infância que a fantasia e a imaginação cumprem um importante papel para esta vertente do desenvolvimento. Foi nesse enquadramento que, no âmbito do programa de estudos em Psicologia, se decidiu ensaiar, com supervisão tutorial, um conjunto de atividades destinadas a crianças do 1.º ciclo do ensino básico, com o objetivo de contribuir para o seu desenvolvimento vocacional. As atividades decorreram ao longo de quatro sessões de 90 minutos, num registo de adição ao currículo escolar, e procuraram promover o conhecimento de si através da ludicidade, otimizando as possibilidades geradas pela inventiva e curiosidade infantil. A intervenção foi pré-experimental, pois existiu um grupo único de sujeitos alvo, uma turma do 3.º ano. Houve, contudo, uma tentativa de caracterização / avaliação pré e pós intervenção, com dados quantitativos e qualitativos. Os resultados quantitativos não corresponderam ao inicialmente desejado, uma vez que não se notaram efeitos positivos na promoção dos autoconceitos das crianças. No entanto, os registos qualitativos são encorajadores, tanto na ótica da participação e adesão daquelas, como de propiciarem uma oportunidade para reflexão e reequacionamento da ação empreendida e respetivos procedimentos de avaliação.

© 2014 Ordem dos Psicólogos Portugueses – Todos os direitos reservados.

## 1. Introdução

Os estudos no âmbito do desenvolvimento vocacional na infância afiguram-se escassos (Araújo, 2009), nomeadamente em Portugal. Porém, esta etapa da vida desempenha um papel muito importante nesse âmbito, pois o desenvolvimento vocacional é considerado “um processo longitudinal, contínuo e genericamente irreversível, que consiste, essencialmente, no desenvolvimento e implementação do autoconceito” (Araújo, 2009, p. 40), sendo na infância que os autoconceitos se começam a formar, através de processos de identificação (Super, 1990; Faria & Macedo, 2004; Peixoto, 2003).

De acordo com o modelo de Arco-Íris de Carreira de Donald Super, um dos mais salientes nesta área a partir dos anos 50 do século passado, o desenvolvimento vocacional é explicado através de cinco estádios que o indivíduo percorre ao longo do ciclo vital: Crescimento, Exploração, Estabelecimento, Manutenção e Declínio (Oliveira, 2012, p. 12). O estádio de crescimento é o que corresponde ao período da infância e do

início da adolescência, sendo delimitado, em termos etários, dos 0 aos 14 anos, sensivelmente, e definido por subestádios: Curiosidade (0-4 anos); Fantasia (5-7 anos), Interesses (7-10 anos) e Capacidades (10-14 anos) (Oliveira, 2012, p. 13).

Nos quatro primeiros anos da escolaridade formal, a fantasia e a imaginação são duas das principais tarefas com que as crianças se confrontam, proporcionando o seu envolvimento no jogo simbólico e em comportamentos lúdicos; a descoberta e o investimento em atividades de que gostam e pelas quais obtêm satisfação são outras tarefas básicas.

Todas estas tarefas, antecedidas pela curiosidade, conduzem à identificação de figuras-chave e a sentimentos de controlo pessoal que deverão ser realistas para a idade da criança (Oliveira, 2012, p. 13).

Durante toda a infância, a imitação também desempenha um papel primordial, sendo um dos determinantes mais salientes das aspirações ocupacionais e contribuindo para o desenvolvimento dos autoconceitos, aspeto nuclear desta etapa da vida. O desenvolvimento do autoconceito ocorre substancialmente através da identificação com figuras significativas do ambiente familiar e do contexto escolar. Isto é, vocacionalmente, a criança vai adquirindo ideias sobre um certo número

\* Contacto: Tel.: +351-296 650 000 | E-mail: [snc@uac.pt](mailto:snc@uac.pt)  
Apartado 1422, 9501-801 Ponta Delgada, Açores, Portugal



IX CONGRESSO  
IBEROAMERICANO  
DE PSICOLOGIA  
LISBOA, PORTUGAL

2º CONGRESSO  
DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS  
PORTUGUESES  
9-13 SETEMBRO 2014



de atividades e ocupações através da observação e imitação dos pais, professores e outros elementos significativos dos seus contextos de vida, incluindo outras pessoas que são admiradas e imitadas pelos seus amigos e colegas de classe (Super, 1990 *cit. in* Araújo, 2009, p. 42). A crescer, e a corroborar estes aspetos, Seligman (1994, *cit. in* Taveira, 2004, p. 214), numa adaptação das tarefas desenvolvimentais propostas por Havighurst (1952), sugere “várias tarefas diretamente conectadas com o desenvolvimento vocacional precoce, dando saliência ao desenvolvimento de competências de planeamento, de atitudes positivas face à competência, cooperação e realização, aquisição de uma compreensão acerca do que é um trabalhador, dos seus papéis, da importância do trabalho na sociedade e da relação entre interesses e valores, e a escolha vocacional”.

Deste modo, o desenvolvimento vocacional nos primeiros anos de vida vale, não apenas pelo desenvolvimento de ideias sobre o que cada um gosta de fazer, o que se pode fazer e o que os outros esperam dele/a — a formação dos autoconceitos —, mas também pelo “seu potencial para suscitar interesses para o futuro e fornecer informação que poderá ser utilizada mais tarde” (Super, 1990, *cit. in* Araújo, 2009, p. 47).

A intervenção no campo do desenvolvimento vocacional também não tem privilegiado a infância. Ao invés, tem-se objetivado, sobretudo, no final do ensino básico e do ensino secundário. Segundo Baptista e Costa (2004), estamos perante um modelo muito centrado no fornecimento de informação e tomada de decisão. Os mesmos autores afirmam que a ausência de um espaço-tempo na escola e no currículo prefigura uma clara falta de intenção educativa neste domínio.

No entanto, já a partir dos anos 70 do século passado, o Movimento de Educação de Carreira (1969) considerava que “o desenvolvimento global da personalidade do aluno [é] uma importante finalidade curricular dos sistemas educativos”. Em 1972, a terminologia educação para a carreira foi definida como “o esforço total da educação pública e da comunidade mais ampla, dirigido a ajudar todos os indivíduos a familiarizarem-se com os valores de uma sociedade orientada para o trabalho, a integrarem tais valores no seus sistemas de valores pessoais e a implementarem esses valores nas suas vidas, de modo a que o trabalho seja possível, significativo e satisfatório para cada indivíduo” (Hoyt, Evans, Mackin, Mangum, & Gale, 1977, *cit. in* Taveira, 2008, p. 29).

Foi a partir da conjugação dos elementos trazidos pela investigação com a importância da intervenção que surgiu o interesse e a vontade de desenhar e implementar um conjunto de atividades, com vista ao desenvolvimento vocacional de crianças a frequentar o 1.º ciclo do ensino básico, tomando como critérios principais de planeamento e concretização da intervenção as características desenvolvimentais dos alunos deste nível de ensino (Taveira, 2005), em conjugação com as tarefas vocacionais definidas por Super (1996) para esta etapa do ciclo vital.

## 2. Metodologia

- **Objetivo:** promover o desenvolvimento vocacional em crianças do 1.º ciclo através da estratégia de infusão, em contexto de sala de estudo com participação dos autores da atividade.
- **Destinatários:** 19 crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos, a frequentar uma turma do 3.º ano de escolaridade numa instituição de ensino particular, na cidade de Ponta Delgada, na Região Autónoma dos Açores (Portugal).
- **Avaliação:** ficha “Brincando às profissões”, composta por questões que incidem sobre autoconceito pessoal e escolar, aspirações

ocupacionais, ideias de “esforço” e “capacidade”, e dimensões importantes no processo de escolhas; e registos informais de verbalizações produzidas pelos participantes e derivados da observação das atividades.

- **Procedimento:** atividades desenvolvidas ao longo de 6 sessões de 45 minutos (*cf.* Tabela 1), durante o período escolar de sala de estudo, sob a responsabilidade da professora da turma. A avaliação do impacto foi efetuada por comparação de resultados obtidos através da ficha “Brincando às profissões”, aplicada nas primeira e última sessões; supletivamente atendeu-se aos dados dos registos informais.

**Tabela 1 – Plano de sessões.**

Sess.	Objetivo(s)	Atividade(s)
1.ª	Realizar avaliação inicial.	Preenchimento da ficha “Brincando às profissões”.
2.ª	Descrever qualidades pessoais, fomentando o autoconceito pessoal positivo.	<i>Eu sou...?</i> Mímica de uma qualidade ou aspeto pessoal positivo; Registo da qualidade numa folha; Colagem da folha num cartaz em forma de árvore.
	Descrever qualidades enquanto aluno, fomentando o autoconceito escolar;	<i>A escola e o meu futuro:</i> Apresentação de três personagens: Mat, Port e Meio, alusivas a disciplinas do 1.º Ciclo; Estabelecimento da relação entre as personagens e áreas / atividades profissionais; Identificação do aluno com as personagens, justificando por que motivo se identifica mais com cada uma.
3.ª	Debater a importância do autoconceito escolar para a identificação de oportunidades vocacionais.	
4.ª	Distinguir capacidade e esforço, relacionando as ideias com as escolhas vocacionais.	Apresentação do filme “A Lebre e a Tartaruga”, seguida de debate acerca da relação entre esforço e capacidade no contexto escolar, profissional e na vida em geral; Elaboração de um desenho representativo de cada um dos conceitos; Preparação de entrevista a um profissional, a partir das ideias de capacidade e esforço.
		<i>Profissões:</i> Testemunho de um profissional acerca da sua profissão (acesso, tarefas e implicações para o dia-a-dia); Realização, pelas crianças, da entrevista preparada na sessão anterior; Expansão a outras áreas profissionais, através da exploração de características de três profissões distintas.
5.ª	Identificar diferentes dimensões na escolha vocacional / profissional.	
6.ª	Realizar avaliação final.	Preenchimento da ficha “Brincando às profissões”.

## 3. Resultados e discussão

A observação da Tabela 2 revela que, no primeiro momento avaliativo, os alunos indicaram 113 adjetivos relativos ao autoconceito pessoal, enquanto no segundo apontaram 105. Registou-se assim uma diminuição no número de referências. No entanto, no segundo momento, 59 dos adjetivos usados corresponderam a novas formas de descrição de si próprios. Situação idêntica ocorreu em relação ao autoconceito escolar, com 95 adjetivos usados na primeira avaliação e 86 na segunda. No entanto, registaram-se 63 novas referências.

Pese embora as crianças tenham usado menos adjetivos para se descreverem no segundo momento, observou-se tendência para maior acuidade dos termos usados. Por exemplo, enquanto na primeira avaliação

surgiam adjetivos, tais como: “bonita”, “amiga” e “fixe”, na segunda surgiam atributos como “desportiva” (sic) e “trabalhadora”.

**Tabela 2 – Resultados para autoconceitos e aspirações vocacionais.**

	Avaliação inicial	Avaliação final	
	total de adjetivos	total de adjetivos	adjetivos novos
<i>Autoconceito pessoal</i>	113	105	59
<i>Autoconceito escolar</i>	95	86	63
	total de respostas	total de respostas	respostas novas
<i>Aspirações vocacionais</i>	19	19	5

Relativamente às aspirações, evidencia-se que cinco dos respondentes alteraram a sua resposta da primeira para a segunda avaliação. Como exemplo, refira-se o caso de um menino que inicialmente referiu ambicionar ser otorrinolaringologista, tendo mencionado na segunda avaliação não saber o que escolher. Uma interpretação possível é a de que este caso pode ilustrar a consideração de outras ideias / ocupações que estão associadas às atividades empreendidas.

**Tabela 3 – Resultados relativos à diferenciação entre capacidade e esforço, e dimensões importantes na escolha de uma profissão.**

	Avaliação inicial respostas certas	Avaliação final respostas certas
Diferenciação entre os conceitos de capacidade e esforço	17	16
Dimensões importantes na escolha de uma profissão	<i>n.º total de referências</i>	<i>n.º total de referências</i>
- conhecimento da realidade	0	2
- atributos pessoais	1	0
- atributos escolares	2	2
- interesses	7	4
- não perceberam a pergunta	9	7

A leitura da Tabela 3 informa quanto aos conceitos de capacidade e esforço, registando-se apenas um caso diferente entre as duas avaliações, embora a favor da primeira. No respeitante ao que é importante para a escolha de uma ocupação / profissão, a tendência foi para diminuição do número de aspetos referidos entre a primeira e a segunda avaliações, observando-se que quase metade dos alunos manifestaram dificuldade na compreensão do item. Este conjunto de resultados levanta a possibilidade de necessidade de reformulação das atividades das sessões 4 (*A Lebre e a Tartaruga*) e 5 (*Profissões*) e/ou dos itens da ficha a que as mesmas se reportam. Eventualmente, as atividades / os itens apelam a pensamento conceptual e capacidade de perspetivação temporal, competências que surgem mais tarde no desenvolvimento pessoal (Araújo, 2009), havendo necessidade de as contemporizar com o pensamento concreto, mais consentâneo com a etapa do desenvolvimento correspondente ao 1.º ciclo do ensino básico.

Porém, se os resultados quantitativos levantam algumas questões relativas ao impacto das ações empreendidas, através dos registos informais efetuados ao longo das sessões obtiveram-se dados mais condizentes com o propósito do conjunto das atividades. Por exemplo, no

que respeita ao autoconceito, quando questionados sobre o que era importante na escolha da profissão no futuro, um dos alunos respondeu “o que eu sou no recreio”, querendo significar que a perceção de si mesmo na escola — autoconceito escolar — tem consequências na tomada de decisão vocacional.

Em relação às personagens “Mat”, “Port” e “Meio”, representativas das disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio, o “Mat” foi relacionado com profissões como Professor de Matemática, Arquiteto, Empreiteiro e Consultor Financeiro; o “Port” com Bibliotecário, Cantor e Jornalista; e o “Meio” com Veterinário, Mineiro, Médico, Professor de Geografia e Cartógrafo.

No que concerne à diferenciação entre capacidade e esforço, os alunos pareceram reconhecer a diferença entre os dois conceitos através do desenho que realizaram (sessão 4, *A Lebre e a Tartaruga*), onde colocaram atividades do seu próprio quotidiano em que se sentiam capazes *versus* outras em que sentiam ter de se empenhar mais para se saírem bem. Por exemplo, andar de skate *versus* nadar de costas; andar de bicicleta *versus* estudar; jogar futebol *versus* estudar; tocar violino *versus* escrever a letra “x”.

Também no que se refere às dimensões importantes para a escolha de uma ocupação / profissão, os registos informais são mais expressivos do que os dados quantitativos. Por exemplo, as respostas dadas para a área de Medicina, em relação ao local de trabalho, foram: “hospital”, “centro de saúde”, “consultório”, “clínica” e “enfermaria”; quando ao horário, referiram “todo o dia”, “turnos”, “rotativo” e “no consultório é ao fim do dia” (sic). Quanto aos atributos pessoais necessários para desempenhar a ocupação, referiram: “estudar Estudo do Meio”, “simpatia” e “atenção”. Nos requisitos escolares, sublinharam “Estudo do Meio”, embora tenham acrescentado que é importante “estudar de tudo um pouco”. Em relação ao género associado à atividade médica, inicialmente apontaram para a ideia de que “são mais homens” que a exercem, mas depois expressaram que podiam ser pessoas de ambos os sexos.

A primeira asserção das crianças poderá remeter para o facto de, entre os seis e os oito anos de idade, a criança integrar a aquisição do conceito de género segundo a teoria vocacional de Gotfredson. De acordo com este autor, a complexificação do pensamento leva a que a criança classifique tarefas de acordo com diferenças de género, circunscrevendo as suas preferências consoante o que é socialmente aceite para o si, enquanto rapaz ou rapariga (Oliveira, 2002, p. 11). Além disso, estudos recentes (e.g. Araújo, 2002; Hartung et al., 2005; Watson & McMahon, 2005, 2007) têm vindo a demonstrar que, de facto, as disposições e experiências vocacionais das crianças são influenciadas pelos papéis de género (Araújo & Taveira, 2009, p. 55).

#### 4. Conclusão

Os resultados quantitativos parecem sugerir que as ações empreendidas não provocaram impacto em termos de promoção do desenvolvimento vocacional. No entanto, os registos informais oferecem mais suporte ao cumprimento do objetivo delineado e estímulo para a prossecução de iniciativas desta natureza.

A discrepância entre a análise quantitativa proveniente dos itens da ficha e a avaliação informal poderá indicar necessidade de situar, mais forte e claramente, as ações a empreender na fantasia e nos interesses, dada a sua saliência na idade escolar considerada. Poderá, igualmente, sugerir necessidade de ajustar os itens da Ficha de Avaliação à fantasia e aos interesses, de forma a melhor traduzir os aspetos que se pretendem conhecer.

No entanto, outros aspetos devem, também, ser tidos em conta aquando da leitura dos resultados provenientes da ficha “Brincando às profissões”. Por um lado, o reduzido número de sessões efetuadas pode ter constituído uma limitação, uma vez que a bibliografia menciona que a educação para a carreira em contexto de sala de aula é tida como a modalidade de intervenção mais longa, com uma média de 15.53 sessões (Faria, Königstedt & Taveira, 2011, p. 4). Por outro lado, importa refletir sobre particularidades que caracterizam a avaliação das estratégias infusivas. Folsom e Reardon (2000, *cit. in* Hughes & Karp, 2004) apontam para a dificuldade em avaliar programas de Educação para a Carreira com estratégias infusivas, visto existir um “vasto leque de intervenções possíveis bem como uma diversidade de produtos (*outputs*) alvo de intervenção nesta área”. Além disso, as autoras referem que “mesmo programas com objetivos semelhantes poderão ser muito distintos, e até variarem em termos de produtos obtidos, devido a fatores como o clima da sala de aula e/ou a qualidade do professor”.

No caso do conjunto de atividades apresentado, a empenhada presença da professora na primeira sessão, fazendo sugestões e dando exemplos aos alunos, aquando no preenchimento da ficha “Brincando às profissões”, presença mais controlada na última sessão, poderá ter sido um aspeto a enviar os dados recolhidos na avaliação inicial. Não obstante as dificuldades associadas ao comportamento dos professores, nas estratégias infusivas, a adesão daqueles a este tipo de iniciativas poderá contribuir para a sua integração no tempo escolar, aspeto que virá favorecer a promoção de qualidades pessoais de planeamento e outros aspetos importantes para a escolha vocacional (Seligman, 1994, *cit. in* Taveira, 2004). Acresce que a adesão dos professores também pode funcionar como um meio para gerar e/ou fortalecer a intenção educativa nesta área.

## REFERÊNCIAS

- Araújo, A. M. D. C. (2009). *Antecedentes, dinâmica e consequentes do desenvolvimento vocacional na infância*. (Dissertação de Doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Araújo, A. M., & Taveira, M. C. (2009). Study of career development in children from a developmental-contextual perspective. *European Journal of Education and Psychology*, 2(1), 49-67.
- Faria, L., Königstedt, M. e Taveira, M.C. (2011). *Avaliação da eficácia das intervenções vocacionais*. Colégio Internato dos Carvalhos.
- Hughes, K., & Karp, M. (2004). *School-based career development: a synthesis of the literature*. New York: Teachers College Columbia University, Institute on Education and the Economy.
- Oliveira, I. M. (2012). *Avaliação do Desenvolvimento Vocacional na Infância: Versão Portuguesa da Childhood Career Development Scale*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Maguire, M. (2004). Measuring the outcomes of career guidance. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 4, 179-192.
- Pessoa, R. C. (2011). *Maturidade de Carreira e Desempenho Acadêmico em Estudantes do Ensino Fundamental*. Instituto de Psicologia - Universidade Federal da Bahia, Brasil.
- Sousa, S. C. (2008). *Educação para a Carreira na Educação Pré-Escolar: Avaliação da eficácia de uma intervenção de consultoria psicológica*. (Dissertação de Mestrado não Publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Taveira M. C. (Coord.) Coelho, H., Oliveira, H., Leonardo, J. (2004). *Desenvolvimento Vocacional ao Longo da Vida: Fundamentos, Princípios e Orientações*. Coimbra: Almedina.
- Taveira M. C., Silva, J. T. (Coord.) (2008). *Psicologia Vocacional: Perspectivas para a Intervenção*. Imprensa da Universidade de Coimbra.